

O Canabarro

TUDO PELA LIBERDADE

ANNO XXIV

DIRECTOR: P. A. ULLINO VARES

NUM. 1087

REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY

Administrador: A. Pereira dos Santos

RIVERA, 5-FEIRA 15 DE JUNHO DE 1899.

O Canabarro

PUBLICA-SE ás QUINTAS-FEIRAS
E DOMINGOS

ASSIGNATURAS

PARA O LIVRAMENTO
MEZ 2\$ - SEM. 10\$ - ANNO 18\$
PARA FÓRA
SEMESTRE 12\$ - ANNO 20\$
PARA ESTA REPUBLICA
MEZ 0.50 - SEM. 2.50 - ANNO 5.00
Nº de dia 10 centésimos.

Apostados, editores, annuncios e trabalhos typographicos, 10 por cento menos quomoutraqualquer parte, pagamentos adiantados, assim como o das assignaturas.

INFELIZMENTE

Infelizmente a Republica dos Estados Unidos do Brazil, em dez annos de governo, não tem correspondido ás esperanças dos meliores republicanos — e dos mais eloquentes propagandistas, que enganaram-se, ou illudiram a maioria de seus ludibriados patriotas.

Infelizmente o Governo Provisorio no inicio da Republica, em vez de consultar a Nação, mantendo a liberdade dos comicios — designou, elle mesmo os representantes ao Congresso Constituinte, pondo em pratica a farça mais immoral e repulsiva de todas quantas o voto é susceptivel. O Regulamento Alvimahi perdura como padrão de gloria, monumento que só por si attestará sempre a completa ausencia de escrupulo do seu autor, ou autores, em materia eleitoral.

Infelizmente o Congresso assim constituido, não desmentiu a sua origem, e como a creatura deve obediencia ao Creador — votou-se uma Constituição, copia, mais ou menos servil, da Norte Americana — sem attenção ás condições peculiares do paiz, suas tradições, costumes, historia, instrucção, politica, religião, e idiosyncrasy da raça.

Infelizmente o povo brasileiro estupefacto, bestializado, opprimido, sujeitou-se á tutela politica e autoritaria, dos governantes — os quaes desde 15 de Novembro de 1889, até hoje, têm commettido todos os erros e abusos na gerencia dos publicos negocios. A herança opulenta que legou-nos o imperio por sua morte, se acha quasi toda dissipada — reduzido o nosso bello paiz á mais lamentavel decadencia. O Brazil tinha a hegemonia de toda a America do Sul, hoje, nem a Bolivia o respeita!

Infelizmente os tutores do povo brasileiro, esbanjada essa herança, virão-se na dura necessidade de negociar em Londres o *punding loan*, submettendo-se ás

exigencias de judeos estrangeiros, cujo interesse em antagonismo com os nossos, significa o *proteclorato* de credores externos, avidos, sobre uma nação de perdularios; ou antes, a curadoria e arrecadação dos bens da massa fallida n'um processo de quebra.

Deshonra e loucura ao mesmo tempo.

Infelizmente a patria geme nas vascas da morte, o povo está miserrimo, a vida é para elle cada vez mais escura, quasi impossivel, e, todavia, os impostos vão n'um crescendo assustador, medonho, apavorante.

O fisco nacional tem unhas de fogo.

O estadual, requinta os tributos.

E as intendencias?

Essas — apertam o pescoço dos miseros contribuintes — n'um rosario immenso de impostos, mais duro que a corda dos enforcados.

Obras publicas — nenhuma.

Progresso — em parte alguma.

Em vez de ordem — anarchia.

Infelizmente a sciencia já investiga e proclama do alto da tribuna legislativa, que o eleito de 1.º de Março apresenta symptomas de desarranjo nas faculdades mentaes!...

Pobre patria.

E a politica financeira do governo consiste em *queimar* dinheiro — para atirar as cinzas ao vento — na esperança que ellas retornem em abundante chuva de ouro.

Infelizmente, do Rio Grande do Sul, por hoje, não nos podemos occupar.

FINIS

(Da Tribuna do Povo, de Santos)

As *Chinas Americanas*, artigo do exmo. sr. conselheiro Ruy Barbosa, resume e define todo o horror da nossa situação.

O quadro não podia ser melhor traçado nem as molduras melhor cortadas.

E' aquillo mesmo.

Dentro do paiz a imbecillidade dando azas á miseria, fora do paiz a inepcia dando fortes estímulos á exploração.

Entre muros, o sitio pela fome; extramuros, o sitio pela penhora; aqui ameaças de esphacelamento; fora d'aqui ameaças de invasão.

O dilemma é fatal; e para sahir d'elle só nos resta este recurso, — a revolução; ou esta fuga — o suicidio.

Em ambos os casos o anniquilamento é inevitavel, ou como consequencia da decidia dos que nos governam, — ou como deducção logica da cobardia do povo.

Deste perante aquelles, porque submettem-se aos seus propositos loucos com a subserviencia dos caracteres corrompidos; de uns e de outros, perante o estrangeiro, pelas condições precarias da defeza do territorio e pela extorsão dos contractos *lo-ninos* realizados, — dos quaes a primeira e mais alta vantagem já gosamos, — a hypotheca.

Isso tudo, porém, que importa em degradação, não quer dizer morte, mas inicio, — embora longo e demorado como as agonias dos partos laboriosos — de uma era melhor.

Abramos o peito a esta esperança: nos individuos mais cynicos o calor de uma bofetada acorda a energia morta; nos povos mais cadaveres o dominio aviltante tem a virtude de transfigurá-lo, tornando-os heroes na revindicação da propria dignidade.

Este exemplo é historico e tem ramificações grandiosas e edificantes na vida dos individuos, das familias e das nações, hoje consideradas mais omnipotentes.

Todo rebaixamento envolve um começo de grandezza, porque sendo escravidão, fecunda e alimenta as aspirações de liberdade; a miseria é uma punição á indolencia; o dominio, imposto pela força das conquistas, uma punição á cobardia moral e politica dos povos.

O começo desta Republica assignalava este fim; e os desastres successivos de taes administrações de Paturets não podiam deixar de justifica-lo.

Trabalharam para elle o analfabetismo das massas, a ganancia desmesurada dos patrióticos, a presumpção estolida da mediocridade bacharelesca, a cegueira despotica de um militarismo desbragado, o servilismo de uma imprensa mendicante, a obli-tinação dos intellectuaes no seu egoismo pessoal.

Trabalharam-no todos: — os vencidos e os convencidos; estes por calculo, aquelles por medo; uns por baixaza, outros por interesse.

A revolução de Setembro castigou severamente os primeiros como adormecidos; a actual está castigando barbaramente os ultimos, mas a coroa de espinhos dessa grande obra fará gemer a todos.

Apotheose da justiça sobre o reinado da depravação, temos que accital-a com a força esmagadora dessa lei tremenda que não distingue justos de peccadores.

Despedaçamo-nos, despedaçando a nossa nacionalidade; vendemo-nos, não fomos vendidos.

E, pois, estamos nas mesmas condições de uma familia que não teve um chefe para velar pelos seus interesses, abrigada da miseria, do assalto de bandidos e, por fim, do seu anniquilamento.

Prostituiram-nos os bríos, u-

surparam-nos a fortuna e deixam-nos sem recursos para defender o nosso territorio.

Finis coronat opus.

Louco

Ha dias, em nosso serviço telegraphico, noticiamos que o deputado Dr. Erico Coelho, em discurso que proferira na Camara, dissera que o Dr. Campos Salles — presidente da Republica — achava-se soffrendo de loucura paralytica.

Para que nossos leitores possam melhor apreciar o que fazem os representantes da nação — *dellos* para curar dos interesses e melhoramentos de nossa patria, transcrevemos um resumo do que na Camara de deputados disse o Dr. Erico Coelho:

«Sempre que subo á tribuna, diz o orador, vou contando com a benevolencia com que tenho sido honrado.

«Hoje, porém, contra os meus hábitos, sou forçado a appellar para ella, tão grave é o assumpto de que vou tratar.

«Os dois grandes partidos, que dividiram a representação nacional, estão congregados em torno do chefe da nação.

«Esta congregação, composta de grupos heterogeneos, parece que angara alguma coisa de grave e de anormal, que se passa na vida das instituições.

«Este ensarilhar de armas, este enrolar de bandeiras, este calar de paixões, parece um triste presagio para a patria.

«Está o partido monarchico preparando um movimento latente, ameaçando a ordem constitucional?

«O credor, armado de martello, baterá ás portas da Republica, com o proposito de pô-la em almoeda?

«Não nolo diz a mensagem do sr. presidente da Republica.

«Pois bem; justamente neste momento em que todos levam o seu apoio incondicional ao sr. presidente (que calamidade!) tenho suspeitas de que s. ex. está alienado! (*Sensação no recinto. Protestos dos srs. Belisario de Souza e J. Sabino.*)

O sr. Cassiano: — Não apoiado! Peço a palavra!

O sr. Belisario: — Peço a palavra.

O sr. Erico Coelho: «Vou justificar como medico as suspeitas que tenho da molestia que infelicitou o sr. presidente da Republica: É a chamada loucura paralytica.

Vozes: — Oh! oh! Isto não pôde continuar. (*Protestos.*)

O sr. Erico Coelho: — O sr. presidente da Republica tem apparencia de saúde, mas está na primeira phase da molestia. Nela se observa muitas vezes o exagero das forças musculares, a infatigabilidade nos exercicios nos individuos de compleição athletica...

O sr. Belisario: — V. exa. está abusando dos seus conhecimentos medicos para tornar ridiculo o sr. presidente da Republica.

Isso não é correcto.

O sr. Erico Coelho (*Continuando*) mas, por uma reacção natural do organismo, apparecem desfallecimentos nas faculdades mentaes, alterando-se muitas vezes com o periodo de exaltação das mesmas faculdades de modo a embaçar o observador.

«Para resolver todas as duvidas que se possam levantar no espirito dos collegas, empregarei o methodo. Para isso basta comparar o passado de s. exa. com o presente, examinando os seus pensamentos, palavras e obras, de conformidade com os preceitos da observação medica.

Pelo passado, nós todos respondemos: talento brilhante, illustração solida, caracter de fina tempera, polemista politico de primeira ordem, homem de acção na Republica, como ministro, senador e illustre estadista.

«Os primeiros symptomas principiam a apparecer quando s. exa. presidente de S. Paulo, mandou empastellar o *Commercio de São Paulo*, a pretexto de ser jornal monarchista (*protestos do sr. Costa Junior.*)

O sr. Edmundo da Fonseca: — Eu fui testemunha do facto. Quem empastellou o *Commercio* foi a policia.

O sr. Costa Junior: — Mas não por mandado do sr. Campos Salles.

O sr. Erico Coelho (*Continuando*): — S. exa., que pregara na propaganda a liberdade de reunião, s. exa. que pregara a inviolabilidade do domicilio, mandou fechar um club monarchista e fez dissolver reuniões de monarchistas que jogavam a bisca e tomavam chá em familia! (*Protestos da bancada paulista.*)

«Data dessa epocha a molestia que infelicitou a Republica.

O Sr. Erico Coelho analisa depois detidamente a plataforma sr. Campos Salles, dizendo que seu ideal como candidato era formar um partido de governo; uma verdadeira dictadura, sob feição parlamentar.

«A comparação de suas mensagens prova a aberração.

«Logo que foi eleito, no almoço que lhe offereceram os seus amigos, quando chegou de S. Paulo, para partir para Europa, s. ex. declarou que até então o paiz não tinha tido governo.

«Nada lhe aproveitou a viagem.

«Trahiu o sr. Prudente de Moraes nas negociações do accordo financeiro.

«Veiu da Europa, cheio das firofias das velhas realezas. Jantou com os reis e com o papa... Nada mais.

«Aos reporters não se esquecia de recomendar que dissessem que elle trazia roupa cor de azerim, de accordo com a ultima moda.

«Logo que tomou posse do

governo, rodeou-se de aparato, salvas de fortalezas, piquetes de lanceiros e etiquetas e mais etiquetas.

«Seus intimos e velhos companheiros de luctas encontravam as portas do palacio trancadas. Eram precisas mil formalidades para fallar ao chefe da nação. (*Protestos.*)

«É ridiculo um homem de sessenta annos fazendo exercicio de bicycleta.

Depois de outras observações, disse que o presidente da Republica foi buscar em Minas para a alavanca de Tiradentes o ponto de apoio de Danton.

ALERTA

XXXVII

No nosso artigo anterior, onde se lê — esphacelado como o da Bolivia, leia-se como o da Polonia.

O nome da Batavia veio-nos á mente quando escreviamos, como exemplo de povo forte; exemplo que começavamos a demonstrar, mas que riscamos, porque seria fallar de um povo que conquistara os mares; que fez o solo de sua patria conquistando-o ao mar, lentamente, construindo diques capazes de resistir á furia das tempestades do mar tenebroso; que teve um statouder, ou presidente de republica, em Guilherme o Taciturno; que preferiu romper os diques e inundar o para alcançar uma victoria sobre os tyrannos-adores da patria, preferindo a miseria, a perda de tudo a ser dominado pela Hespanha, a um povo para quem passa desaperecebido tudo que a cada hora nos ameaça, a eminenencia de um esphacelamento, a divisão da patria pelos outros povos; que ri-se do sello; que silencia-se ante as exigencias banqueiras; que vê os bancos negarem a incineração do papel já pago, de conformidade com o arranjo da deshonra, e aceita indifferente a noticia de que virá emissario do patrão para assistir a incinerações, isto é, para vêr se

BICADAS

111

Quando nos meus vinte andava,
Nos meus bons tempos de moço,
Toda gente me chamava:
PICA-PÁU DO MATIO-GROSSO.

— De bilhar — bom jogador
— Os que tentam meu loco —
— Diziam: «Este Senhor...»
— TEM CATINGA NO SOVACO.

— «E' bem negroso de vez...»
— Travessa... mas não é má.
— Com suas vinte primavera
— DE DIA PICA NO PÁU...

— De noite? Nem com a luz
— Não se dá a jogar o loco...
— De dia não se dá a rua,
— DE NOITE... NO SEU BURACO!

O Pica-páu

